

## ENTREVISTA COM CRISTOVÃO TEZZA

Lucas Breda **MAGALHÃES**<sup>1</sup>  
Maria Luiza Navarro **MARTINS**<sup>2</sup>  
Nathália Souza **TONCOVITCH**<sup>3</sup>

Cristovão Tezza é um dos nomes de destaque da literatura brasileira contemporânea. Catarinense, mas radicado em Curitiba, o escritor tem obras de ficção publicadas pela editora Record, como *O filho eterno*, (2007), *Beatriz* (2013) e *O professor* (2014), bem como algumas reedições, como *Traço* (2007), *Aventuras provisórias* (2007), *O fantasma da infância* (2007), *Uma noite em Curitiba* (2014) e *O fotógrafo* (2004). Sua obra mais recente é *A tradutora*, lançada em 2016, pela mesma editora. Além de escritor, Tezza atuou como professor de Língua Portuguesa nas Universidades Federais de Santa Catarina (UFSC) e do Paraná (UFPR) e, atualmente, é colunista no caderno “Ilustrada”, da *Folha de São Paulo*.

Dentre os romances do escritor, destaca-se a obra *O filho eterno* (2007), que traduzida para mais de dez línguas e muito bem reconhecida pela crítica, recebeu oito prêmios literários. Dentre eles, o primeiro lugar no Prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa e o Prêmio Jabuti, como melhor romance em 2008. Recebeu ainda o prêmio francês de literatura Charles Brisset, em 2009 e finalista do Prêmio Internacional IMPAC-DUBLIN de obras publicadas em língua inglesa, em 2011. Considerando que a obra traz experiências da própria vida do autor, ela poderia ser erroneamente confundida com uma autobiografia, afinal acontecimentos da sua vida estão diluídos no enredo. Porém, escrito com maestria, *O filho eterno* é uma autoficção, produção que concilia o pacto romanesco com o pacto autobiográfico.

*O filho eterno* foi a obra que orientou o trabalho do Eixo 1 do subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), “Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual”, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus Cornélio Procopio, no ano de 2017. O Eixo 1 do subprojeto tem como objetivo promover a formação de leitores de literatura no ambiente escolar por meio da elaboração e implementação de sequências didáticas de leitura de obras pertencentes ao acervo do Programa Nacional da

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Cornélio Procopio. Voluntária de iniciação à docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Cornélio Procopio. Voluntária de iniciação à docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Cornélio Procopio. Voluntária de iniciação à docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Biblioteca da Escola/ MEC (PNBE) e fundamentadas nos pressupostos teórico-metodológicos do Letramento literário, de Rildo Cosson (2009)<sup>4</sup>.

A presente entrevista com Cristovão Tezza é resultado de uma das atividades desenvolvidas na sequência didática de leitura literária, elaborada para ser implementada em duas escolas públicas do município do Cornélio Procópio. A entrevista ocorreu em 14 de novembro, no anfiteatro PDE, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* Cornélio Procópio, por Skype e contou com a presença dos graduandos do curso de Letras, das professoras supervisoras Profa. Me Ieda Maria Elias Pinha Sorgi Dantas e Profa. Esp. Paula Roberta Ribeiro Dantas, da coordenadora, Profa. Dra. Ana Paula Franco Nobile Brandileone, bem como das turmas das escolas: alunos do 1º ano A do Ensino Médio, do Colégio Zulmira Marchesi da Silva, e do 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Major João Carlos de Faria. Na entrevista Tezza discutiu sobre o ensino de literatura na educação básica, as funções da literatura, sua carreira como escritor, sua experiência como professor universitário, sua motivação para escrever *O filho eterno* e a repercussão da obra, dentre outros assuntos. A entrevista foi norteada por um roteiro elaborado pelos bolsistas, após a seleção das perguntas, feitas pelos próprios alunos. Vale ainda ressaltar que os questionamentos foram feitos pelos próprios alunos da Educação Básica, de forma alternada.

PIBID-PORTUGUÊS: Oi, bom dia! Meu nome é Nathália, da escola Major. Cristovão, você cogitou a possibilidade do seu livro *O filho eterno* ser trabalhado em um projeto como o PIBID no qual cada aluno tem um exemplar da obra?

CT: Não, não tinha pensado nisso. A literatura adulta não é exatamente um material didático, no sentido de que não se escreve um romance para ser lido em sala de aula. A literatura tem outra função na vida real, fora da escola. Pelo sucesso de *O filho eterno*, o romance acabou entrando no projeto do PNBE que faz a distribuição de livros pelas bibliotecas do país, e já foi adotado na lista de leitura de alguns vestibulares. Eventualmente sou chamado para conversar com os estudantes sobre meus livros, mas em geral no ensino superior, nas faculdades, não no ensino médio. De modo que, para mim, essa experiência é relativamente nova, conversar sobre literatura com a gurizada mais nova.

---

<sup>4</sup> COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

PIBID-PORTUGUÊS: Você imaginou que seu livro seria tão bem conceituado e premiado em seções literárias? Qual a sensação de ter ganhado alguns dos prêmios mais cobiçados da literatura?

CT: Não imaginei. Eu tinha medo desse livro, porque ele toca em uma questão socialmente muito sensível, que é a relação de um pai com uma criança especial. É um tema literariamente complicado porque é fácil você apenas reproduzir o discurso oficial da sociedade, que naturalmente tende a ter uma natureza mais sentimental, ou mesmo piegas. De modo que eu estava mexendo em um vespeiro ao escrever sobre isso. Ao mesmo tempo, é um livro muito pessoal, em que eu exponho, ou mesmo escancaro minha própria vida e meus sentimentos aos leitores. Para mim, o sucesso foi uma surpresa. Eu achava que haveria mais resistência e foi o contrário; foi o maior sucesso da minha carreira como escritor. Foi uma publicação que mudou minha vida. Receber um prêmio é muito bom, claro. E o sucesso do livro permitiu até que eu largasse e universidade para viver só de literatura o que é uma coisa muito difícil no Brasil.

Entretanto, é bom lembrar que o escritor sério não escreve pensando em prêmios; essa é última coisa que passa pela cabeça. Se o prêmio acontecer tudo bem; e se não acontecer, tudo bem também. Eu lembro que escrevi vários romances nos anos 1980, como *Trapo*, *Aventuras provisórias*, *Uma noite em Curitiba*, *Juliano Pavollini*, e nunca ganhava nada; passei vinte anos escrevendo e publicando sem ganhar prêmios. Isso não mudou nada para mim – simplesmente continuei escrevendo.

PIBID-PORTUGUÊS: O que mais motivou você a ser escritor? E por que fez a escolha desse tema para o livro?

CT: Essa é uma pergunta difícil. Costumo dizer que são os problemas que nos motivam. Quem resolve ser escritor é porque tem problemas, quem não tem problemas não quer escrever. Vai namorar, vai passear, vai ao cinema, mas não vai se trancar num quarto para escrever. É claro que isso é uma brincadeira, mas tem seu fundo de verdade. Penso na minha própria vida. Morava no interior de Santa Catarina, em Lages. E tive uma infância feliz. Minha lembrança de criança é parecida com aqueles espaços do Cebolinha, a fileira de casas na rua, a vida típica de cidade do interior. Mas, nos meus sete anos, meu pai morreu em um acidente. A partir disso, minha vida mudou brutalmente. Com a morte de meu pai, minha mãe pegou os filhos e foi para Curitiba. Fui morar em um; o padrão social da minha família caiu e eu comecei a ter problemas. Virei um adolescente complicado e isso me modificou. Comecei a ler e comecei a escrever. Ou seja, um problema existencial começou me levar para a escrita, para a literatura. E, é claro, nesse processo

você vai descobrindo quem você é e o que quer fazer da vida. Era um tempo de muitas transformações no Brasil, nos anos sessenta. E em 1964 veio o golpe militar. Depois, o fechamento do Congresso, em 1968. Foi uma época muito agitada no mundo inteiro, de grandes mudanças culturais; época do que se chamava de “contracultura”, todo mundo era contra tudo. O maior sonho de qualquer adolescente era sair de casa; lembro que aos quinze anos eu já queria sair de casa, queria fazer minha vida. Viviam-se uma cultura de transformações, de desejo de mudar a vida, um mundo de utopias marcantes; a literatura veio junto no pacote, por assim dizer.

A história do livro *O filho eterno* gira em torno desta geração, sobre o que a motivava. Em relação estritamente ao tema, a experiência de ter um filho Down, este era um assunto que eu nunca quis escrever. Meu filho nasceu em 1980 e eu passei mais de vinte anos sem escrever sobre isso, porque achava que era um tema muito pessoal. Publiquei vários outros livros, mas sem jamais tocar nesse assunto. Só muitos anos depois, quase que por acaso, percebi que podia escrever sobre o tema, porque já estava suficientemente afastado da vivência emocional. A literatura precisa de certa frieza, uma certa distância dos temas que você enfrenta. O calor da emoção não é o momento certo para escrever; é preciso deixar a experiência esfriar para depois voltar ao tema e vê-lo de longe. De modo que “O filho eterno” foi um livro escrito a frio, com uma boa distância, e isso foi fundamental; do contrário, eu não conseguiria escrever.

PIBID-PORTUGUÊS: Você esperava toda essa recepção sobre a obra? Por conta de toda produção acadêmica que existe sobre a obra e pelo fato de o personagem do livro também se chamar Felipe, como seu filho Felipe se sente?

CT: Não, não esperava não. Foi uma boa surpresa. Às vezes a gente espera muito com o livro e não acontece nada. Com “O filho eterno” eu até esperava uma reação mais pesada, porque é um livro bastante forte. E no entanto foi um sucesso tão grande que, graças a ele, consegui voltar ao meu velho sonho de viver só de literatura. Sobre o Felipe, é importante saber que ele tem uma idade cognitiva semelhante à de uma criança entre 4 a 7 anos. Ele nunca conseguiu se alfabetizar, embora seja muito inteligente, muito esperto. Assim, ele não é um leitor, ele não tem a abstração da leitura, e este foi um dado fundamental para que o livro se tornasse o que é. Ele sabe que ele é “o filho eterno”; às vezes chega alguém em casa e ele diz, com o livro na mão, “Ó, o filho eterno sou eu”. Ele acha isso o máximo. Ele não tem a percepção cognitiva, psicológica para entender a complexidade que está no livro. O que ele entende é que o livro é sobre ele e, para ele, isso é maravilhoso por si só.

PIBID-PORTUGUÊS: Como foi o processo de construção do distanciamento entre você-autor e você-personagem? Por que você resolveu expor uma situação tão pessoal?

CT: Uma boa pergunta. Essa questão realmente é uma dificuldade. O problema de escrever ficção sobre fatos autobiográficos é justamente manter distância; é você não escrever simplesmente uma confissão pessoal. Eu vejo duas perspectivas narrativas. Uma é o que se pode chamar de biográfico ou autobiográfico, que é quando você assume um pacto com o leitor, como quem diz a ele: “Isto que eu estou colocando aqui é rigorosamente verdadeiro”; ou você pode dizer: “Isso é uma obra de ficção”. Eu escrevi uma obra de ficção no seguinte sentido: *O filho eterno*, embora seja baseado em fatos reais da minha vida, não foi construído sob a perspectiva de uma autobiografia, ou seja, eu não me senti no compromisso de dizer ao leitor somente a verdade; meu livro está cheio de invenção, cheio de criações. Eu criei situações que eu não tinha mais memória, criei um grande número de cenas puramente ficcionais; e, ao mesmo tempo, usei fatos da realidade. Entretanto, o foco do livro não é a fidelidade ao “real”; o foco é a ficção construída entre a relação pai e filho. Eu vou dar o exemplo de uma cena, acho que no terceiro ou quarto capítulo. Quando o pai sai para telefonar à família para avisar que o filho nasceu, ele desce uma rampa do hospital, vai para a calçada onde tem um telefone público, e dali ele liga. Quando eu li esta cena para a minha mulher ela me disse: “Mas você ligou do telefone ao lado da minha cama”. Eu não me lembrava mais; o capítulo inteiro é uma construção ficcional. O fato de ele sair do quarto amanhecendo o dia, o andar pela calçada, o cenário da rua, o telefone quebrado, tudo isso é pura invenção. É uma sequência romanesca que fui criando em cima de um fato. A chave para eu criar esse afastamento foi o narrador em terceira pessoa. Com isso eu me distanciei de mim mesmo, como se eu olhasse para mim vinte anos antes. Se você pensar, por exemplo, sobre o que você fez há um mês, ou no seu último aniversário, você vai ver que aquele alguém lá atrás não é exatamente você. Você retorna ao próprio passado e visualiza um personagem. Nós pensamos em nós mesmos e o personagem é construído. Eu fiz isso em muitos livros; eu criei um pai que não sou eu; às vezes eu releio o que escrevi e acho que tem um monstro ali — eu sou uma pessoa melhor que aquele pai. Mas na literatura você seleciona fatos para um fim. Ao me afastar do pai, fiquei com liberdade para dizer sobre ele tudo o que eu quisesse. Os narradores são seres naturalmente cruéis; você não pode ter muita piedade do seu personagem. Se você gosta muito do personagem, você já fica comprometido. Por isso esse afastamento. Eu resolvi escrever sobre este tema tão pessoal porque foi o fato mais marcante que aconteceu na minha vida. Na década de 1980, meu primeiro filho nasceu com Síndrome de Down. É difícil imaginar que algo mais importante possa acontecer na vida de alguém. Eu tinha

que escrever sobre esse fato, de alguma forma eu tinha que colocar isso aí na literatura; daí nasceu “O filho eterno”.

PIBID-PORTUGUÊS: Você já pensou em escrever outro livro na fase atual do Felipe?

CT: Não, nunca. Eu acho que esgotei este tema. Talvez, eventualmente, não mais como ficção, mas como ensaio. Já escrevi uma coluna na *Folha de São Paulo*, o título é “A Gaiola do Tempo”, em que eu falo sobre a percepção que o Felipe tem do tempo e sobre o livro que eu estou lendo sobre o tempo, de um pensador chamado Norbert Elias. No texto faço uma reflexão sobre a visão sobre o tempo de uma pessoa com Síndrome de Down e a nossa visão sobre o tempo. Nós vivemos na gaiola do tempo, horas, dias. O Felipe até hoje não sabe a diferença entre segunda-feira e sábado, ou mesmo a diferença das horas, como se ele vivesse sempre e apenas o momento presente. É possível que em outros momentos comente a síndrome em crônicas, mas não uma nova ficção. Nesse sentido, já disse o que tinha a dizer no meu livro.

PIBID-PORTUGUÊS: Você ainda dá aulas em universidades? Como você decidiu que cursaria Letras?

CT: Não dou mais aulas. Em 2009 eu saí da universidade em que trabalhei durante 24 anos: dois anos na UFSC, em Florianópolis, e 22 anos na Federal do Paraná, em Curitiba. Foi um período muito bom, mas passou. Agora só me dedico à literatura. Eu nunca dei aulas para o Ensino Médio ou Ensino Fundamental; eu só dei aula na universidade, comecei já direto na universidade. O que é uma falha para lidar com a geração mais nova. Bem, foi uma ótima experiência, recebi uma boa formação e a universidade me ajudou bastante como escritor. Me deu uma rotina; todo mundo precisa de rotina e estabilidade. Na sala de aula só você que envelhece, os alunos têm sempre a mesma idade, o que é uma coisa muito legal. É como se, dando aulas, você entrasse em contato com um eterno presente com a linguagem do presente. Isso é uma coisa legal em lidar com alunos e de dar aulas.

Sobre a escolha do curso de letras, devo dizer que resisti muito para ir para a universidade. Eu sou o que se chamava naquele tempo de “bicho grilo”, o jovem alternativo. Quando concluí o ensino médio, eu não quis entrar para a universidade. Eu tentei ser relojoeiro, eu tentei ser marinheiro, fui para a escola de formação de oficiais da Marinha Mercante, fui trabalhar em teatro; eu tentei de tudo o que podia para não entrar no que eu chamava de “sistema”. Uma hora o sonho acabou e eu acabei fazendo universidade. Eu estava morando no Acre, e a Universidade Federal do Acre, na época, 1977, oferecia apenas dois vestibulares, Direito

e Letras. O meu irmão mais velho, que é advogado, dizia “faça Direito”. Mas decidi fazer Letras; estava mais próximo de mim. Fiz vestibular no Acre e no ano seguinte vim transferido para Curitiba, entrando na Federal. Gostei do Curso, principalmente das áreas de Linguística e de Língua Portuguesa, que me atraíam bastante. Fiz mestrado, fiz doutorado, fiz uma carreira acadêmica, o que jamais imaginava que iria ter. O curso de Letras é ótimo; para quem gosta de Literatura e gosta de ler, é um bom caminho.

PIBID-PORTUGUÊS: Bom dia Tezza, meu nome é Maria Eduarda e sou bolsista do projeto. Pela sua experiência como professor, como você considera o ensino de literatura na rede básica?

CT: Eu acho que a literatura na sala de aula é um tema problemático, não é uma coisa simples. Pela seguinte razão: você quando escreve um romance, quando faz literatura adulta, você não pensa em sala de aula; literatura não é um material didático; na literatura você não tem limites. Quando eu começo a escrever um romance eu não tenho limite algum. Eu não estou pensando, por exemplo, no que o pessoal da oitava série vai entender, ou se eu devo escrever esta ou aquela cena para um leitor do ensino médio, ou algo assim; isso jamais passa pela minha cabeça. E eventualmente esse livro, escrito com toda a liberdade, pode ser usado em sala de aula. Por exemplo, *O filho eterno* é um livro adulto, é um livro bastante complexo, difícil em vários aspectos, e eu nunca pensei que fosse lido por uma turma do nível fundamental ou do médio. Por acaso, ele vem sendo lido na escola. É que eventualmente um livro de ficção pode se encaixar num trabalho em sala de aula. Mas, muitas vezes, uma obra de ficção na escola pode ser uma experiência traumática; já me aconteceu. Um exemplo: o governo de Santa Catarina comprou exemplares do meu romance *Aventuras provisórias* que era para ser lido em sala de aula - você não tem interferência, foi uma escolha da Secretaria de Educação - e uma pedagoga de Criciúma leu o livro e denunciou que aquilo era pornografia para adolescentes, que tinha palavrões, que o livro tinha cenas de sexo, que era um absurdo aquilo ser oferecido a adolescentes. Bem, qualquer novela de televisão, hoje, tem coisa semelhante. Não há nada demais. Mas aí, você pega um livro de duzentas páginas, tira uma frase e coloca no jornal, uma frase completamente fora de contexto: “Vejam: é isso que estão ensinando às nossas crianças, nossos jovens”. É um absurdo, uma coisa desonesta, mas criou uma histeria e eu fiquei com a pior fama possível, a de “um escritor que está desencaminhando crianças ou adolescentes”, coisas assim. Cheguei a escrever uma crônica na *Gazeta do Povo* com o título “Não me adotem” (risos), “eu não quero ser adotado

em escola” (risos novamente). Aqui em Curitiba houve um caso semelhante no CEFET<sup>5</sup>. Uma professora trabalhou com os alunos o meu romance *Juliano Pavollini*, que é a história de formação de um adolescente que está na cadeia e tem cenas relativamente fortes, mas que a juventude lê bem. As pessoas gostam porque é um livro que não tem falso moralismo, trata com muita sinceridade a vida real e concreta das pessoas, mas houve um problema. Uma mãe denunciou lá na direção do CEFET que eu estava desencaminhando os filhos com cenas de sexos e coisas não recomendáveis no *Juliano Pavollini*. Mais um problema, não? A professora quase foi expulsa, um absurdo total. Assim, por questões extraliterárias – muitas vezes pela ausência de informação literária dos pais, ou por fundamentalismo religioso – a literatura deve entrar com cuidado na escola. Não produzo, não escrevo livro para ser usado em sala de aula; faço literatura adulta. Para uso em sala de aula, você tem os livros paradidáticos, aqueles indicados para alunos da oitava série, da sexta série.

Posso contar uma experiência nessa área. O primeiro livro que publiquei que saiu em forma de livro, em 1979, foi *Gran circo das Américas*. É um romance que eu mandei à editora *Brasiliense*, em São Paulo, e foi aprovado. E eles disseram: “Olha, esse livro é para ir para o segundo grau”, que é o atual ensino médio. Era o começo daqueles lançamentos de livros paradidáticos, livros dirigidos para a escola, e saiu primeira edição. Era para alunos da oitava série, sétima série, não me lembro exatamente. E o livro vendeu bem, cinco mil exemplares, e o editor me disse: “Olha, vamos fazer a segunda edição, mas tem um parágrafo aqui que as professoras estão reclamando e nós vamos cortar”. Tinha um parágrafo que cortaram, que era uma cena de um amasso de dois namorados. “Isso aqui vamos tirar que vai dar problema”. E eu, jovem e cabeça quente, disse “não, livro meu ninguém corta e não vou cortar nada, se quiserem é assim que vai ser”. E não quiseram e acabou, e o livro ficou só na primeira edição (risos). Bem, se cortassem aquele trecho não ia mudar muito. O livro era fraquinho, eu não o publicaria de novo, era um exercício de aprendiz. Foi até bom não sair a segunda edição.

A literatura é uma coisa à margem, ela é uma expressão artística com que a escola tem que saber lidar, como as exposições de arte, de pintura. Esse absurdo que fizeram de fechar museu porque tem quadros com cenas sexuais, ou aquele caso da escultura viva<sup>6</sup> do homem nu que a

<sup>5</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica. Em 2005, o CEFET-Paraná transformou-se na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, a primeira especializada no Brasil.

<sup>6</sup> O acontecimento citado provavelmente se refere à polêmica envolvendo a performance “La bête” do artista Wagner Schwartz na estreia do 35º Panorama de Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna (MAM) em São Paulo no dia 26 de novembro. O coreógrafo faz uma interpretação da obra “Bichos” de Lygia Clark que tem uma proposta de arte interacionista com o espectador. Durante sua apresentação uma mãe e sua filha tocam os tornozelos e as mãos do artista que tem o corpo nu. O vídeo da cena causou discussões nas redes sociais caracterizando a apresentação como pedofilia. Em resposta, o MAM afirmou que havia sinalizado para o teor da apresentação e que não havia na performance conteúdo erótico.



filha vai lá junto da mãe e fizeram um escândalo, uma desgraça. Isso é de um obscurantismo, uma burrice! O pessoal parece que não sabe o que é um museu, o que é história da arte. Um troço maluco. Parece que o Brasil está andando muito para trás nisso, é preciso colocar a cabeça no século XXI. E a literatura na escola é isso: é preciso saber como lidar com essas questões, como apresentar essas informações aos alunos em geral, sem perder a medida da ação.

PIBID-PORTUGÊS: Bom dia Tezza, meu nome é Maria Luiza, eu sou voluntária no projeto. Um assunto muito discutido nos nossos encontros de estudo sobre a obra *O filho eterno* foi a intertextualidade, a presença de muitas vozes chamadas para a obra. Gostaria que você comentasse sobre a presença dessas vozes, se elas foram propositais no momento da escrita ou não. Por exemplo, quando você se refere à Camus e à Nietzsche.

CT: Toda obra de ficção tem um certo repertório de referências culturais. No caso de “O filho eterno”, o personagem e narrador é um escritor, e assim naturalmente suas referências culturais fazem parte da história da literatura e da filosofia, que sempre andam juntas. Na construção do personagem, é importante a coerência. O que o personagem coloca como referência é coerente com o universo cultural dele, com as coisas que ele estava sentindo, as emoções que ele tinha. O que o livro também sugere é o choque entre as altas ambições intelectuais do personagem, o seu projeto humanista, por assim dizer, e a dificuldade de lidar com o primeiro “diferente” que surgiu diante dele, o seu próprio filho. Ele sabe que não estava preparado, não estava pronto. O livro trabalha sobre o contraste entre a vida real e a vida literária e intelectual que o personagem planejava para si mesmo.

PIBID-PORTUGUÊS/Profa. Ieda: Bom dia Tezza, eu sou professora da rede básica, professora Ieda, do colégio Zulmira Marchesi. Eu gostaria não de fazer uma pergunta, mas sim uma colocação para tentar clarificar como se deu o estudo da sua obra em sala de aula. É preciso esclarecer que a escolha se deu realmente pensando no PNBE, isto é, em “tirar das caixas” as obras que são destinadas para as escolas públicas de toda país. Nesse sentido, a obra não serviu como pretexto didático, já que subprojeto tem por objetivo recuperar a leitura literária na sala de aula, uma vez que o livro didático (PNLD<sup>7</sup>), principal suporte didático no contexto escolar, não prioriza a literatura. E, quando está presente, o texto literário aparece de forma fragmentada e, no ensino médio, é apresentada sob a forma da periodização literária, ou seja, cabe o aprendizado “sobre” a literatura e não especificamente sobre o seu objeto de ensino, o texto literário. Assim,

---

<sup>7</sup> Programa Nacional do Livro Didático

fica a pergunta: Em que medida isso favorece a construção de um leitor, de um sujeito independente, autônomo? Por isso, a intenção é ler a obra literária na sua integralidade, a partir de uma metodologia, que aqui são os pressupostos de Rildo Cosson (2009), voltados para o letramento literário. Desse modo, *O filho eterno*, assim como outras obras selecionadas em outras edições do PIBID, como *A filha do escritor*, de Gustavo Bernardo, *Dois irmãos*, do Milton Hatoum, *Desmundo*, de Ana Miranda, dentre outras, são objetos de estudo, efetivamente. Este estudo não possui qualquer proximidade como as fichas de leitura da década setenta e oitenta, nas quais os alunos eram convocados a fixar o enredo, o tipo de narrador, de personagem... Dentre as etapas da Sequência Expandida de leitura literária do Cosson, há, por exemplo, a motivação, que incita a perguntar: qual assunto será tratado? Depois, na Expansão, qual diálogo que a obra faz com a contemporaneidade ou com outras do passado? A sua obra, por exemplo, é permeada pela intertextualidade, por isso este conceito foi estudado. É importante, destacar, entretanto, que não escolhamos simplesmente conceituar a intertextualidade, o seu texto nos oferece esta possibilidade, bem como estudar os conceitos de autoficção e (auto)biografia, que foram postos em confronto. A proposta do subprojeto é instrumentalizar o aluno para que ele possa realizar uma leitura mais significativa de outros textos literários. É propor aos alunos do ensino fundamental e ensino médio, que estão tão aquém, uma leitura um pouco mais densa do texto literário, focando não apenas no enredo ou na história propriamente dita, mas na obra na sua totalidade, cujo fim último é formar o leitor perene.

CT: Ótimo isso que você falou, perfeito. Talvez a questão central do problema da literatura na sala de aula é que o ensino trabalha com um discurso “para que serve isso?”, você cria referência de segurança conceitual. Você trabalha com certo e errado, você vai dar uma aula de matemática e diz que  $2+2$  é igual a 4, não pode ser  $2+2$  igual a 5; apenas quatro é a resposta certa. O Brasil foi descoberto em 1500, não em 1450; 1500 é a resposta certa. A concordância verbal da língua normativa funciona assim e não assado. Todas as áreas trabalham assim: cria-se um sistema de referência, de pressuposição de verdades, mesmo nas áreas de humanas, dominadas por questões subjetivas; há uma luta objetiva por desvendar o real.

Já a literatura não trabalha com isso. Você não escreve um romance para escrever verdades a alguém, mas para criar hipóteses da existência de pessoas que pensam sobre a verdade. Há uma mudança radical no uso da linguagem pela literatura em relação aos usos didáticos, escolares - que são, é claro, importantes, fundamentais. Eu acho que a função da escola é criar referências de civilização, de aprimorar nossa capacidade de fazer escolhas de certos valores. Já o objeto da literatura são as pessoas que pensam sobre a verdade e não a verdade. O objetivo da

literatura não é ensinar verdades a alguém. Por isso surge muitas vezes o choque: a literatura não é ciência, não é religião, não é sociologia, não é nada disso, mas toca em todas essas questões de maneira subjetiva, como hipóteses existenciais. A literatura se move no terreno da ambiguidade, é, enfim, o terreno em que vivemos no dia a dia. Agora responda: Capitu traiu ou não traiu? É uma questão literária, portanto existencial.

Chegou em: 03-01-2018

Aceito em: 04-01-2018